

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A NATUREZA LOCATIVA DAS CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS DOS PREDICADOS PSICOLÓGICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Paula Guedes Baron (UnB), Rozana Reigota Naves (UnB)

RESUMO:

Neste artigo, investigamos as construções perifrásticas dos predicados psicológicos do Português Brasileiro a partir da hipótese de que Experienciadores são *locus* de estados mentais (LANDAU, 2010). A análise mostra que as perífrases dos predicados ExpSuj são formadas pelo verbo leve *ter*, com semântica de posse, associada a uma interpretação locativa, enquanto as dos predicados ExpObj constituem-se por *causar* e *dar*, de interpretação causativa, e por preposições locativas. Propomos que: (i) o verbo leve forma um predicado complexo com a nominalização do verbo psicológico; (ii) as nominalizações possuem interpretação estativa, que serve de base para a nossa proposta de estrutura sintática das perífrases psicológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Predicados psicológicos. Construções perifrásticas. Interpretação locativa. Português brasileiro.

ABSTRACT:

In this article, we investigate the hypothesis of Experiencers being the *locus* of mental states (LANDAU, 2010) by looking at the periphrastic constructions of psychological predicates in Brazilian Portuguese. The analysis shows that the periphrases of SubjExp predicates are formed by the light verb *ter* (to have), with possession semantics, associated with a locative reading, whereas those of ObjExp predicates are constituted by *causar* (to cause) and *dar* (to give), which show causative interpretation, and by locative prepositions. We argue that: (i) the light verb forms a complex predicate with the

nominalization of the psych verb; (ii) nominalizations show stative interpretation, that serves as basis to our proposal of the syntactic structure on psychological periphrases.

KEYWORDS: Psychological predicates. Periphrastic constructions. Light verb. Locative reading. Brazilian Portuguese.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo examina as construções perifrásticas dos predicados psicológicos no Português Brasileiro (PB), tendo como objetivo principal investigar o pressuposto encontrado no trabalho de Landau (2010) de que Experienciadores são *locus* de um estado mental. Nesta seção, caracterizamos o objeto de estudo e apresentamos a nossa perspectiva teórico-metodológica para o desenvolvimento desta pesquisa, que se circunscreve ao quadro da gramática gerativa. Na seção 2, descrevemos, em linhas gerais, os dados encontrados no *corpus*, agrupando-os segundo as classes de verbos psicológicos propostas por Cançado (1995). A descrição se completa na seção 3, em que analisamos mais detidamente as nominalizações e os verbos leves encontrados nas perífrases de predicados psicológicos.¹ Na seção 4, voltamos ao objetivo inicial de discutir a hipótese locativa de Landau (2010) para os predicados psicológicos e desenvolvemos uma proposta de estrutura sintática para as construções perifrásticas com base no trabalho de Viñas-de-Puig (2014). Em seguida, apresentamos nossas considerações finais.

Segundo a literatura, os predicados psicológicos são constituídos, impreterivelmente, por um argumento Experienciador, que representa o indivíduo que está em um estado mental/ emocional descrito pelo verbo. Esses predicados expressam algum tipo de sentimento ou emoção, isto é, descrevem estados da mente ou mudanças nos estados da mente (LEVIN, 1993). Com relação ao mapeamento dos seus argumentos, os verbos psicológicos subdividem-se em duas classes: (i) verbos que atribuem o papel- θ Experienciador apenas ao argumento na posição de sujeito – doravante ExpSuj ou classe de *temer*, de que é exemplo o predicado em (1a) e a perífrase em (1b); e (ii) verbos que atribuem o papel- θ Experienciador à posição de objeto – doravante ExpObj ou classe de *preocupar*, exemplificada em (2a) e na perífrase em (2b).²

(1) a. João_{EXP} ama Maria.

b. João_{EXP} tem amor pela Maria.

1 Verbos leves são um “tipo de verbo com conteúdo mais gramatical que semântico, cuja função primordial é a de formar predicados complexos, associando propriedades verbais (como tempo, por exemplo) a seu complemento” (KATO & NASCIMENTO, 2009, p. 66).

2 A classe dos verbos ExpObj diferencia-se, também, da classe ExpSuj por se submeter ao processo de alternância sintática, que se refere ao fato de um mesmo verbo projetar os seus argumentos em configurações sintáticas distintas. As sentenças a seguir exemplificam a possibilidade de os verbos da classe de *preocupar* alternarem (i), em contraponto à classe de *temer*, que não licencia a alternância, como em (ii). Neste artigo, não trataremos do problema da alternância sintática dos predicados psicológicos, de forma que remetemos o leitor interessado ao trabalho de Naves (2005) para uma análise desse fenômeno em termos aspectuais.

(i) a. As manifestações populares preocupam a presidenta.

b. A presidenta se preocupa com as manifestações populares.

(ii) a. A presidenta teme as manifestações populares.

b. *As manifestações populares (se) temem com a presidenta.

(2) a. O aumento dos impostos estarreceu a população_{EXP}.

b. O aumento dos impostos causou estarrecimento na população_{EXP}.

Os predicados psicológicos ExpSuj e ExpObj também se diferenciam, substancialmente, no que concerne à interpretação semântica a eles atribuída: predicados ExpSuj recebem uma interpretação estativa, enquanto predicados ExpObj recebem uma interpretação causativa. Levando em consideração a decomposição de predicados, ou estrutura de evento, que se refere à representação semântica realizada através de predicados primitivos que ilustram os componentes de significados comuns a um determinado grupo de verbos (LEVIN e RAPPAPORT, 2005), estabelecemos as seguintes representações para os predicados psicológicos, adotando as decomposições de predicados propostas por Rappaport e Levin (1998) para os estados e os processos culminados, respectivamente:

(3) [x < STATE>]

(4) [x CAUSE [BECOME [y <STATE>]]]

(RAPPAPORT e LEVIN, 1998, p. 108)

A representação em (3) caracteriza os predicados ExpSuj, os quais possuem apenas uma eventualidade, que representa justamente o estado em que o Experienciador ‘x’ se encontra. A decomposição semântica em (4) corresponde aos verbos ExpObj, que são verbos causativos de mudança de estado. Esses predicados formam eventos complexos compostos por dois subeventos: o causador, representado pelo argumento ‘x’; e a mudança de estado que ele acarreta, resultando em um determinado estado – [BECOME [y <STATE>]]. Nessa representação, o predicado primitivo BECOME é o responsável por representar a mudança de estado sofrida pelo argumento ‘y’, que, nos predicados psicológicos, corresponde ao argumento Experienciador.

Consideramos, ainda, neste trabalho, que as perífrases psicológicas (cf. (1b) e (2b)), formadas por um verbo leve e um nome de estado mental, carregam propriedades semânticas equivalentes aos verbos plenos (cf. (1a) e (2a)), o que é empiricamente comprovado em línguas como o francês, que expressam os predicados psicológicos por meio de construções perifrásticas, como em (5):

(5) Jean donne du soucis à Marie.

Jean gives some worry to Marie

‘Jean worries Marie.’

(BOUCHARD, 1995 *apud* Landau, 2010, p.16)

O recorte empírico deste trabalho, que foca as construções perifrásticas dos predicados psicológicos, se justifica pelo fato de que esse tipo de construção torna mais evidente a hipótese de que o argumento

Experienciador, interpretado cognitivamente como locativo, seja codificado gramaticalmente como um argumento oblíquo nos predicados ExpObj (LANDAU, 2010), pois, nas perífrases, o Experienciador é introduzido por uma preposição (cf. (2b) e (5)), o que não ocorre nas estruturas com verbos plenos (cf. (2a)).

Com relação às nominalizações, acreditamos que elas carregam propriedades relacionadas aos respectivos verbos, como, por exemplo, o fato de que compartilham a mesma estrutura argumental do verbo (OLIVEIRA, 2014). Quanto ao verbo *leve*, tradicionalmente conceituado como um tipo de verbo que fornece informações gramaticais, como tempo, ao predicado, é importante ressaltar que, mesmo que o seu conteúdo semântico não seja equivalente ao de um verbo pleno (SCHER, 2004; GONÇALVES *et al.*, 2010), consideramos que as suas propriedades semânticas são relevantes para a interpretação de todo o predicado, de tal forma que um verbo psicológico causativo, como na sentença *A história encantou as crianças*, equivale, em construções perifrásticas, à composição do verbo *leve*, no caso *causar*, com a nominalização correspondente ao verbo, *encantamento*, razão pela qual propomos que os verbos leves das construções perifrásticas dos predicados psicológicos formam com as nominalizações predicados complexos, uma vez que influenciam a seleção dos argumentos.

Nesta análise das construções perifrásticas, partimos da classificação de Cançado (1995) para os verbos psicológicos no Português Brasileiro, que os agrupa, segundo as suas propriedades sintáticas e suas propriedades semânticas, relacionadas às grades temáticas, em quatro classes: uma classe que abarca todos os verbos ExpSuj (classe de *temer*) e três subclasses referentes aos verbos ExpObj (classes de *preocupar*, de *acalmar* e de *animar*). Com relação às propriedades temáticas dos verbos ExpObj, a autora argumenta que a classe de *acalmar* permite que a posição do sujeito tenha papel temático tanto de Causa como de Agente (cf. (6)), diferentemente da classe de *preocupar* (cf. (7)), que não permite que o papel- θ de Agente seja atribuído ao sujeito, permitindo apenas o de Causa. Já os verbos do tipo *animar* exibem todas as propriedades atribuídas tanto à classe de *preocupar* quanto à classe de *acalmar*, o que sugere que o sujeito desses verbos tenha o papel- θ de Causa ou de Agente (cf. (8)).³

- (6) a. As ameaças da polícia acalmam a multidão. [Causa]
b. João acalma Maria com um chá. [Agente]

- (7) *João preocupa Maria com sua chegada. [*Agente, ^{ok}Causa]
(CANÇADO, 1995, p. 47- 48)

3 A marcação da agramaticalidade do dado (7) refere-se à impossibilidade de interpretação agentiva do sujeito, de acordo com a análise de Cançado (1995), cuja classificação dos verbos psicológicos estamos adotando para efeitos de pesquisa da semântica locativa desses predicados em construções perifrásticas. Um dos pareceristas deste texto, entretanto, questiona o fato de não ser possível a leitura agentiva de sentenças como *João preocupa Maria*, com o que concordamos, visto que é possível acrescentar à estrutura um advérbio orientado para o agente, como em *João preocupa Maria deliberadamente*. Outro parecerista aponta abordagens alternativas em que o argumento sujeito de predicados da classe de *preocupar* são do tipo evento ou situação, o que explica a impossibilidade de interpretação agentiva. Não é nosso objetivo, entretanto, discutir a proposta de Cançado neste trabalho, mas apenas tomar as subclasses que ela descreve como ponto de partida para analisarmos o comportamento das perífrases verbais. Para um aprofundamento quanto à argumentação de Cançado (1995), sugerimos consultar o original. Para uma proposta alternativa de análise dos predicados psicológicos, V. Naves (1998, 2005).

- (8) a. Maria animou José com sua beleza. [Causa]
b. Maria animou José com uma bebida forte. [Agente]

(CANÇADO, 1995, p. 50)

A autora ressalta que a diferença entre as classes de *acalmar* e de *animar*, já que ambas admitem duas redes temáticas, está no fato de que as propriedades sintáticas da classe de *acalmar* são determinadas por sua característica agentiva, enquanto a classe de *animar* apresenta propriedades das classes de *preocupar* e de *acalmar*, isto é, propriedades agentivas e não agentivas, por exemplo, admite passivas sintáticas (classe de *acalmar*) e passivas adjetivas (classe de *preocupar*):

- (9) a. José foi animado por Maria.
b. José ficou animado com a beleza de Maria.

(CANÇADO, 1995, p. 51)

Ao encontro da proposta da autora, verificamos que os predicados ExpSuj representam uma classe homogênea com relação à formação das perífrases, que se constituem pelo verbo leve *ter* (cf. (10)), enquanto os predicados ExpObj dividem-se em subclasses, o que também constatamos pela pesquisa sobre as perífrases, em razão de não observarmos um padrão único para os elementos que constituem as construções perifrásticas formadas a partir desse conjunto de verbos, o que reflete diferentes propriedades entre esses predicados. Por exemplo, para uma das subclasses, *causar* é o verbo leve predominante nas perífrases, enquanto o verbo leve *dar* é menos produtivo, tendo aparecido esporadicamente no nosso *corpus* (cf. (11)). Já outra subclasse desses predicados permite exclusivamente o verbo leve *dar* nas perífrases que formaram o *corpus* desta pesquisa (cf. (12)).

(10) As crianças *têm* respeito / amor / veneração pelos pais.

(11) Os filhos *causaram* / *deram* preocupação / aborrecimento nos / para / aos pais.

(12) O término do trabalho no prazo *deu* calma / tranquilidade para / ao João.

Com relação à metodologia da pesquisa, utilizamos, como ponto de partida para a constiuição de um *corpus* de construções perifrásticas, a seleção de verbos psicológicos disponível em Cançado (1995).⁴ Relacionamos cada verbo à sua respectiva nominalização, para depois coletarmos os dados referentes às construções perifrásticas. A nossa pesquisa das nominalizações foi realizada por meio da utilização das seguintes fontes: (i) Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI (AURÉLIO, 1999); (ii) Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (versão online), disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>; e (iii) Dicionário de Nomes Deverbais (versão online), disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/>. Em seguida, foi empregada uma metodologia mista: constituição de *corpus* e julgamento de aceitabilidade/gramaticalidade. Os dados que compuseram o *corpus* foram, em sua maioria, coletados em textos disponíveis na Internet (em grande parte do gênero jornalístico, representado por notícias), e outros foram produzidos pela pesquisadora, levando em consideração o conhecimento linguístico de falante nativa de língua portuguesa.

⁴ Para reunir esses verbos, Cançado (1995) utilizou como fonte de pesquisa um dicionário de verbos (BORBA, 1990); um dicionário de língua portuguesa (AURÉLIO, 1975); exemplos da tese de doutorado *Syntaxe des Verbes Psychologiques du Portugais* (OLIVEIRA, 1979); além de exemplos fornecidos pela própria autora. Essa seleção resultou no recorte de 300 verbos.

No tratamento dos dados coletados, observamos casos em que a construção perifrástica compunha um período composto (cf. (13a)). Para esses dados, fizemos algumas adaptações de maneira a convertê-los em oração absoluta (cf. (13b)), preservando a grade temática dos predicados, de forma a manter um padrão de construções para a análise. Além disso, sempre que possível, retiramos informações pessoais, como nomes de pessoas e empresas.⁵

- (13) a. A notícia foi dada pelo prefeito Jander Nunes Vidal (PSB) na semana passada em uma emissora de rádio, e causou preocupação entre os servidores.
b. A notícia causou preocupação entre os servidores.

2. AS CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS DOS PREDICADOS PSICOLÓGICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Em muitas línguas, as construções perifrásticas são a única forma de expressão dos predicados psicológicos; em outras, como o Português Brasileiro, elas são uma das configurações possíveis de expressão desses predicados, o que nos possibilita assumir, com Arad (1998) e Landau (2010), que a interpretação semântica das construções perifrásticas contém as mesmas propriedades dos verbos plenos correspondentes.

Arad (1998), por exemplo, assume que formas incorporadas e não incorporadas de verbos ExpObj possuem a mesma estrutura de evento e a mesma estrutura sintática, as quais pertencem a três tipos:

- (i) locativa – *Paul a mis Marie en colère* (Lit.: ‘Paulo colocou Maria em raiva’).
- (ii) dativa – *This gives me a headache* (Lit.: ‘Isso me deu dor de cabeça’).
- (iii) causativa – *Paul made Nina angry* (Lit.: ‘Paulo fez Nina ficar nervosa’).

A autora considera que, em todos os tipos, os predicados possuem três argumentos – um locador/doador/causador (no original: *locator/giver/causer*), um locatário/alvo/causado (no original *locatum/givee/causee*) e um objeto alocado/dado (no original: *located/given object*) – e que o verbo leve da sentença é responsável por determinar qual o tipo de estrutura do predicado psicológico ExpObj, por exemplo, *give* ‘dar’ forma uma estrutura dativa (*give me fright* ‘me dar susto’), o verbo leve *made* ‘fazer’, uma causativa (*The news made Nina sad* – Lit.: ‘As notícias fizeram Nina ficar triste’), e *load* ‘carregar’ participa de uma estrutura locativa (*This loaded Nina with boredom* – Lit.: ‘Isso carregou [encheu] Nina com [de] aborrecimento’).

Quanto aos verbos ExpSuj, Arad (1998) considera que esses verbos são sempre estativos e assemelham-se a uma das estruturas dos predicados ExpObj, pois são, essencialmente, locativos. Nessa perspectiva, o Experienciador pode ou estar contido no estado mental ou ser o contêiner que é preenchido por um determinado estado, como ocorre no hebraico:

⁵ O conjunto de dados que compõe o nosso *corpus* está disponível em Baron (2016), cujos resultados de pesquisa são os apresentados neste artigo.

- (14) a. *Ani be xarada / acabim.*
I at fear / nerves
'I feel fear / I am nervous'.
 (Experienciador = 'coisa'; estado mental = contêiner)
- b. *Yesh bi paxad (mi xatulim).*
There is in me fear (of cats).
'I am afraid of cats'.
 (Experienciador = contêiner; estado mental = 'coisa')

(ARAD, 1998, p. 229)

Arad (1998) ressalta que, em algumas línguas, como no gaélico escocês, os predicados ExpSuj não são verbais, mas são expressos por meio de nomes inseridos em construções locativas, como em (15a). Essa relação locativa presente nos verbos ExpSuj é idêntica à relação expressa por locativos 'físicos', como em (15b).

- (15) a. *Tha eagal orm.*
Be-present fear on me
'I am afraid'
- b. *Tha Calum anns a'gharradh.*
Be-present Calum in the Garden
'Calum is in the garden'.

(ARAD, 1998, p. 230)

A autora observa, ainda, que alguns verbos ExpSuj são expressos por meio de uma relação de posse (cf. (16)) e que a existência de uma relação entre posse e locação é reconhecida na literatura há bastante tempo (cf. KAYNE, 1993 *apud* ARAD, 1998).

- (16) *I have a great admiration for him.*
 'Eu tenho uma grande admiração por ele'

(ARAD, 1998, p. 228)

Em uma comparação entre os verbos ExpSuj e os ExpObj, Arad (1998) argumenta que ambos os predicados psicológicos possuem uma natureza locativa; entretanto, essa natureza revela diferentes propriedades em cada predicado. Nos verbos ExpSuj, a locação é estativa, isto é, algo está em algum lugar. Já os verbos ExpObj exprimem uma locação não estativa, uma vez que algo é colocado em algum lugar. Esses dois tipos de relação locativa estão diretamente ligados à semântica de evento desses predicados: o verbo ExpSuj tem apenas uma eventualidade, que representa o estado em que se encontra o Experienciador, enquanto o verbo ExpObj é bieventual, sendo a eventualidade de percepção do estímulo (causa) a responsável pela eventualidade resultante do estado mental desencadeado pela percepção. Além disso, os verbos utilizados na formação desses predicados na forma não incorporada também expressam esse comportamento diferenciado, uma vez que, no inglês, os verbos ExpSuj são estativos, como *be* 'ser/estar' e *have* 'ter', e os ExpObj, são dinâmicos, como *turn* 'virar/tornar',

put ‘por/colocar’ e *give* ‘dar’. A mesma seleção ocorre com as preposições: verbos ExpSuj tendem a selecionar preposições estativas (por exemplo, *in/at* ‘em’) e verbos ExpObj, preposições dinâmicas (por exemplo, *into/onto/to* ‘para’).

Os dados que encontramos no *corpus* que constituímos para o PB mostram que, de fato, em um mesmo contexto, podemos encontrar a mesma informação sendo veiculada por uma perífrase (cf. (17a) e (18a)) e por uma construção com o verbo pleno correspondente (cf. (17b) e (18b)), o que nos possibilita assumir, seguindo Arad (1998) e Landau (2010), que a interpretação semântica das construções perifrásticas contém as mesmas propriedades dos verbos plenos correspondentes.

- (17) a. Regra de condomínio **causa frustração**.
b. O desconhecimento da lei de parcelamento de solo **frustrou** o sonho da casa própria de moradores e futuros moradores do empreendimento Terra Nova Bauru.
- (18) a. A renovação de Licença de funcionamento de um grande hotel **causou um estremecimento** entre a prefeita e os vereadores do município.
b. Renovação de licença de hotel **estremece** relação de prefeita com vereadores.

Para a descrição dos dados de construções perifrásticas com verbos psicológicos que compõem o *corpus* deste trabalho, sobre as quais discorreremos nas subseções seguintes, adotamos a classificação de Cançado (1995), já apresentada na seção 1.

2.1 Os predicados Experienciador-Sujeito

As construções perifrásticas dos predicados psicológicos ExpSuj, que, de acordo com Cançado (1995), compõem a classe de *temer* (classe 1), apresentam um padrão bastante consistente. O verbo leve utilizado para a formação desse tipo de estrutura, associado às mais diversas nominalizações psicológicas, é o verbo *ter* (cf. (19)-(21)), e as preposições que introduzem o argumento interno do nome são, na maioria dos casos, ‘por’ e ‘de’ (cf. (19)-(20)), tendo sido registradas poucas ocorrências de outras preposições (cf. (21)), como ilustramos a seguir:

- (19) a. Ele *tem* amor **por** João Pessoa.
b. O nosso povo *tem* grande apreço **pela** liberdade.
c. Nós *temos* o maior respeito **pelo** Brasil e suas leis.
d. *Tenho* admiração **por** trabalho, dedicação e competência.
- (20) a. Você *tem* inveja **de** mim.
b. Dunga não *tem* receio **de** demissão.
c. Clube *tem* ambição **de** ganhar uma prova europeia.
d. Ele não *tinha* temor **dos** homens.
- (21) a. A nossa sociedade *tem* rejeição à velhice.
b. Ele *tem* repúdio **a** mim e à classe médica.
c. Candidatos não *têm* respeito **com** o eleitor.

A decomposição dos predicados ExpSuj mostra que esses verbos formam predicados de apenas uma eventualidade estativa, na qual o verbo representa o estado psicológico em que o Experienciador, argumento 'x', se encontra. Adotamos a representação de estados de Rappaport e Levin (1998, p. 108) – [x < STATE>] – para analisar os verbos psicológicos ExpSuj:

(22) [x < STATE>] → [x < TEME>]; [x < AMA>]; [x < RESPEITA>]

Nas construções perifrásticas, o estado psicológico do Experienciador passa a ser atribuído pela nominalização e pelo verbo leve *ter*, que é responsável por representar a relação de posse do estado pelo Experienciador.⁶

Essa relação de posse presente nos predicados ExpSuj, expressa pelo verbo leve *ter* das construções perifrásticas, reforça a natureza locativa dos predicados psicológicos, visto que as noções de posse e de lugar podem ser intercambiáveis em contextos de predicação psicológica (comparem-se, por exemplo, *Joana tem depressão* com *Joana está em depressão*). Tomando como referência o trabalho de Kayne (1993), citado por Arad (1998), que atesta a existência de uma relação entre posse e locação, consideramos que os fatos acima sobre as construções perifrásticas com verbos ExpSuj no PB corroboram o pressuposto de Landau (2010) de que o Experienciador é um *locus* mental, de tal forma que a generalização procede tanto para os predicados ExpSuj quanto para os predicados ExpObj, descritos na próxima seção.

2.2 Os predicados Experienciador-Objeto

Os verbos ExpObj caracterizam-se por serem predicados causativos e de mudança de estado, no caso, causam a mudança de estado do Experienciador, que passa a estar em um estado psicológico específico. Consideramos que passar a um estado psicológico não é um processo instantâneo, pois o Experienciador sempre tem de perceber algo para atingir o estado resultante, o que caracteriza aspectualmente esses predicados como processos culminados, em que a culminação do processo é justamente a mudança de estado sofrida pelo Experienciador.

Pelo fato de grande parte das sentenças ter sido coletada em textos de gênero jornalístico, os dados apresentam algumas características particulares. Por exemplo, muitas construções perifrásticas possuem o verbo leve conjugado no tempo presente, o que, aparentemente, gera uma leitura estativa (cf. (23a) e (24a)). Observamos que esse tipo de construção é característico do gênero notícia, estando presente principalmente nos títulos dos textos, mas podemos reconhecer que o predicado não é de fato estativo, visto que, em alguns casos, o próprio texto fornece outra perífrase, em que a leitura estativa é anulada (cf. (23b) e (24b)):

6 A respeito da análise dos verbos psicológicos ExpSuj como [TER ESTADO], em que se configura uma relação de posse, V. também Cancado (2012).

- (23) a. Morte de professor em acidente **causa comoção** e indignação em São Luís.
b. A morte dele **causou comoção** e indignação em milhares de pessoas.
- (24) a. Coleção da Arezzo com peles verdadeiras **causa fúria** de internautas e protetores de animais.
b. Sapatos, bolsas e echarpes com pele de raposa e coelho, lã de ovelha e couro natural foram usados e **causaram a fúria** de internautas e de protetores dos animais.⁷

Outra característica presente nos dados dos predicados ExpObj refere-se ao fato de que, em muitas sentenças, o Experienciador não está foneticamente realizado:

- (25) a. Sumiço de avião **causa comoção Ø** na Indonésia.
b. Superlotação de estádio em Feira de Santana **causa susto Ø** durante Bahia x Santos.

Mesmo não realizado foneticamente na sentença, o Experienciador é um argumento interno do nome que, assim como nos verbos, pode ser identificado pelo contexto. Por exemplo, podemos inferir que o Experienciador da sentença (25a) é ‘população’, ou algo semanticamente equivalente, como ‘moradores’, e, em (25b), o argumento Experienciador é ‘torcedores’, pois pode ser identificado pela realização de uma outra perífrase no próprio texto: ‘[...] uma superlotação no local **causou susto em torcedores**’. Como este trabalho também procura estabelecer uma descrição das preposições utilizadas para a introdução desse argumento, a maior parte dos dados apresentados, ao longo desta subseção, é constituída de perífrases em que o Experienciador é realizado.

A primeira, e maior, classe dos verbos ExpObj, proposta por Cançado (1995), é a de *preocupar* (classe 2). Os dados mostram que as construções perifrásticas dos predicados psicológicos dessa classe ocorrem, predominantemente, com o verbo leve *causar*. Quanto às preposições que introduzem o argumento Experienciador, prevalece o uso das preposições ‘em’ e ‘a’ (cf. (26) e (27)), mas também outras preposições como ‘para’, ‘de’ e ‘entre’ são constatadas, além da possibilidade de o Experienciador ser um pronome oblíquo (cf. (28)):

- (26) a. A notícia *causou* preocupação **nos** usuários de internet banda larga no país.
b. A morte dele *causou* comoção e indignação **em** milhares de pessoas.
c. O final *causou* frustração **em** parte do público.
d. A mensagem *causou* abalo psicológico **na** estudante.
e. Esta forma de exercício da medicina *causou* desinteresse **nos** profissionais mais jovens.
f. A repercussão da entrevista do atual ministro da Casa Civil *causou* uma irritação **no** (nos membros do) seu partido.
g. Todo esse marketing *causou* deslumbramento **no** grande público.
h. Uma foto de Marte *causou* agitação **na** comunidade de astrólogos e ufologistas.
i. A notícia bombástica *causou* agito **no** mundo da música.
j. A decisão da semiestatal francesa de telefonia *causou* fúria **no** governo israelense.
- (27) a. A pergunta sobre a censura *causou* aborrecimento **ao** assessor de imprensa.
b. Conduta da empresa *causou* aflição e traumas **ao** reclamante.
c. A expedição dessa ordem *causou* decepção **a** todos nós.
d. Relatos *causaram* encanto **a** muitos ouvintes do debate.

⁷ A presença do artigo ‘a’ antes do nome ‘fúria’ também é uma evidência de que o predicado não é estativo, visto que ele contribui para eliminar a possível interpretação genérica do predicado, que está associada à leitura estativa.

- (28) a. A notícia *causou* preocupação **para** a comunidade escolar.
b. A péssima atuação da seleção *causou* decepção **para** os torcedores e também **para** muitos membros da imprensa esportiva.
c. O pronunciamento de Euclides Maciel *causou* preocupação **dos** parlamentares.
d. Medidas de racionamento causaram revolta **entre** pais e moradores.
e. As luzes, as bandeirinhas coloridas, as fantasias, as brincadeiras e, principalmente, a música e a dança **me causaram** tal encantamento.

De acordo com Cançado (1995), essa classe dos verbos ExpObj, diferentemente das outras duas, não permite que um argumento de papel temático Agente ocupe a posição de sujeito, sendo o papel temático de Causa o único possível. A amostra de dados acima favorece essa análise, visto que, em todas as sentenças, o sujeito é um argumento não agentivo, sendo uma Causa. Ressaltamos, entretanto, que, pelo fato de o levantamento de dados não ter sido exaustivo, não podemos afirmar categoricamente que os sujeitos desses predicados sempre são caracterizados pela não agentividade.

Apesar de as perífrases da classe de *preocupar* serem formadas predominantemente pelo verbo leve *causar*, essas construções também podem ser compostas pelo verbo leve *dar*, o que parece contrariar a previsão de que a falta de agentividade é o que caracteriza os verbos dessa classe, visto que o verbo pleno homônimo ‘dar’ seleciona, necessariamente, um argumento animado e agentivo para a posição de sujeito – temos, então, um cenário em que as propriedades do sujeito do verbo pleno são opostas às propriedades previstas para o sujeito da perífrase dos verbos da classe de *preocupar*. Todavia, como demonstram os dados abaixo, o verbo leve *dar* forma construções perifrásticas, mas, diferentemente, do verbo pleno, apresenta sujeitos não agentivos e não animados.⁸

- (29) a. Nenhum doente **me deu** preocupação séria.
b. Esta linha da Tim já **me deu** muito aborrecimento.
c. Essa foto **me deu** muita aflição.
d. Outras pessoas só **me deram** decepção.
e. Barcelona *deu* esperança e frustração **a brasileiro** na Liga dos Campeões.
f. A vida *deu* **a** cada um de nós diversos encantos.
g. Ele *deu* preocupação **para** o adversário.

O verbo leve *dar*, mesmo apresentando propriedades semelhantes ao verbo leve *causar*, não possui a mesma produtividade, já que, como podemos observar, das dezesseis nominalizações que formam perífrases com *causar*, em (26), (27) e (28), apenas seis também participam de construções com o verbo *dar* (cf. ‘preocupação’, ‘aborrecimento’, ‘decepção’, ‘frustração’, ‘aflição’ e ‘encanto’). Ainda que *dar* selecione, nessa classe, sujeitos com propriedades distintas dos sujeitos do verbo pleno, algumas propriedades se mantêm, por exemplo, a seleção das preposições ‘a’ e ‘para’ para introduzir o argumento preposicionado ou mesmo o uso de pronomes oblíquos, que são, tipicamente, características de construções bitransitivas com verbo pleno *dar*. Cabe ressaltar, ainda, que é possível identificar uma transferência de posse em *dar* (x dá a y = x causa que y tenha), o que pode corresponder

⁸ É interessante observar que, em expressões idiomáticas formadas pelo verbo *dar*, como em ‘Maria deu pitaco na escolha da minha roupa’ e ‘João deu o bolo na Maria’, os sujeitos dos predicados ainda preservam o traço de agentividade, diferentemente do que ocorre com as perífrases dos predicados psicológicos, que podem ou não apresentar essa propriedade. Entretanto, em outros tipos de construção com nominalizações, a agentividade do sujeito não é observada, como no dado ‘João deu uma comida de mosca’, encontrado no trabalho de Scher (2004). Esse tema merece maior investigação, o que deixaremos para trabalhos futuros.

ao fato de os verbos se comportarem, em parte, como as perífrases ExpSuj em *ter*, e, em parte, como as perífrases ExpObj em *causar*.⁹

Outra subclasse dos predicados ExpObj proposta por Cançado (1995) é a de *acalmar* (classe 3), que representa a menor classe dos verbos ExpObj. Segundo a autora, a agentividade é responsável por definir as propriedades dos predicados dessa classe, o que, tematicamente, se reflete na possibilidade de o sujeito ser um Agente, além de uma Causa, como na classe 2. As construções perifrásticas referentes aos verbos dessa classe ocorrem apenas com o verbo leve *dar*, ou seja, diferentemente do atestado na classe de *preocupar*, os verbos *dar* e *causar* não concorrem, o que parece, portanto, refletir a natureza agentiva desses verbos, como proposto por Cançado (1995). Dessa forma, a seleção do sujeito desses predicados com o verbo leve *dar* preserva parcialmente propriedades do verbo pleno homônimo, pois, como uma das possibilidades, também permite sujeitos agentivos. Além disso, as preposições que introduzem o argumento Experienciador são as usadas nas construções bitransitivas de *dar*, ‘a’ e ‘para’, ou um pronome oblíquo representa esse argumento:¹⁰

- (30) a. Poucas trocas de técnico *deram* calma **ao** Furacão (time de futebol).
b. Você **me** *deu* calma.
c. Vendas antecipadas do café conilon *deram* tranquilidade **ao** produtor no ES.
d. Conhecer o processo editorial *deu* serenidade **para** Vanessa.
e. Os policiais *deram* tranquilidade e segurança **a** todos os presentes.

Uma situação bastante recorrente na classe de *acalmar* é o fato de que muitos verbos só possuem perífrases com leituras físicas – como ‘abrandar’, ‘reprimir’, ‘derrotar’ e ‘regenerar’ –, ou seja, perde-se o significado psicológico desses verbos, como ilustram as sentenças em (31).¹¹

- (31) a. Crise causou abrandamento das emissões (de gases de efeito estufa).
b. O movimento ocupou o escritório da presidência, o que causou repressão policial.
c. Falta de preparação causou a derrota do Brasil.
d. A injeção destas células por via muscular ou sistêmica causou regeneração dos músculos.

A última classe dos verbos ExpObj estabelecida por Cançado (1995) é a classe de *animar* (classe 4), caracterizada por apresentar propriedades tanto agentivas quanto não agentivas, ou seja, possui características das classes 2 e 3, o que possibilita que o argumento na posição de sujeito seja uma Causa ou um Agente. Os dados das construções perifrásticas, entretanto, nos permitem apontar que esses predicados possuem, de maneira geral, as mesmas características dos predicados não agentivos da classe 2, visto que, predominantemente, o verbo leve utilizado nessas construções é *causar*, e as preposições são ‘em’, ‘a’ e ‘para’, conforme podemos observar em (32).

9 Agradecemos a um dos pareceristas por essa observação final a respeito da semântica de transferência de posse embutida no verbo *dar*.

10 Na contramão do tipo de perífrase encontrado para os verbos dessa classe, o verbo ‘humilhar’, por exemplo, representa uma exceção, pois possui construções perifrásticas apenas com o verbo leve *causar*, e, além das preposições utilizadas com *dar*, a preposição ‘em’ também aparece para introduzir o argumento Experienciador, não tendo sido encontradas, no *corpus*, sentenças com ‘para’ em construções perifrásticas com a nominalização ‘humilhação’:

(i) O fato *causou* vexame e humilhação à artista plástica.
(ii) A forma da dispensa **lhe** *causou* humilhação e abalo psicológico.
(iii) O tratado *causou* choque e humilhação **na** população.

11 Leituras físicas são aquelas em que não se observa uma das três interpretações pertinentes aos predicados psicológicos, quais sejam: a de emoção, a de estados ou mudanças de estados mentais e a de atividade psíquica.

- (32) a. A foto *causou* animação **nos** fãs.
 b. Essa mesma ideia *causou* animação e grandes expectativas **para** os fãs.
 c. Um acidente em uma das atrações *causou* um verdadeiro susto **na** plateia e **nos** participantes.
 d. Forte relâmpago *causou* susto à população.
 e. A postura intelectual de Nina Rodrigues *causou* fascinação **em** Ortiz.
 f. O fato sinistro e sanguinário *causou* fascínio à população.
 g. A mensagem do Papa Francisco *causou* alegria em abundância **aos** participantes.
 h. A grande movimentação de pessoas não *causou* intimidação **aos** bandidos.
 i. A situação *causou* desencanto **aos** moradores da Rua Américo Brasileiro.

Assim como ocorre com os predicados da classe 2, na classe 4 algumas perífrases também podem ser formadas pelo verbo leve *dar*, como as construções com nominalização dos verbos plenos ‘animar’, ‘assustar’ e ‘confortar’, e, semelhantemente à classe 3, permitem uma leitura agentiva (cf. (33d,e)):

- (33) a. Festa das Tradições *deu* grande animação **a** São João de Areias.
 b. A exportação de 6,6 mil toneladas de amêndoas de cacau *deu* novo ânimo **aos** cacauicultores baianos.
 c. Avião derrapa na pista em Belém e *dá* susto **na** delegação do São Raimundo.
 d. Pegadinha *dá* susto **em** aproveitadores de menores de idade.
 e. Sua mãe sempre *te deu* conforto com um colo quentinho.

Com base nos dados das construções perifrásticas dos predicados psicológicos ExpObj no Português Brasileiro, podemos, portanto, estabelecer as seguintes generalizações descritivas quanto aos elementos que compõem esses predicados:

- (i) o verbo leve *causar* é o verbo predominante nas perífrases dos predicados das classes de *preocupar* e de *animar*, sendo possível também, em alguns casos, o uso do verbo *dar*;
 (ii) as perífrases do tipo de *acalmar* são formadas, em sua maioria, pelo verbo *dar*;
 (iii) o verbo leve *dar* é utilizado em predicados tanto com leitura não agentiva quanto com interpretação agentiva;
 (iv) as construções perifrásticas com verbo leve *dar* selecionam, majoritariamente, as preposições ‘para’ e ‘a’, para introduzirem o argumento preposicionado, além de apresentarem de forma recorrente um pronome oblíquo como o argumento Experienciador;
 (v) além das preposições selecionadas pelo verbo leve *dar*, as perífrases com verbo *causar* apresentam a preposição ‘em’ para introduzir o Experienciador.

Sabemos que os verbos psicológicos ExpObj submetem-se ao processo de alternância sintática, na qual o argumento Experienciador passa a ocupar a função de sujeito, como mostram os dados a seguir:

- (34) a. Cientista brasileiro se preocupou com a saúde e a qualidade de vida da população.
 b. O povo se comoveu com sua saída.
 c. Governo se decepcionou com amplitude da derrota de ontem.
 d. Ele se fascinou com o pôr do sol.

Pelo fato de essas sentenças possuírem outra configuração sintática para seus argumentos, as construções perifrásticas desses predicados também são diferentes. Elas assemelham-se às perífrases dos verbos ExpSuj, pois são formadas pelo verbo leve *ter*:

- (35) a. Cientista brasileiro teve preocupação com a saúde e a qualidade de vida da população.
 b. O povo teve comoção com sua saída.
 c. Governo teve decepção com amplitude da derrota de ontem.
 d. Ele teve fascínio com / pelo pôr do sol.

Com relação à bieventualidade dos predicados ExpObj (cf. representação semântica em (4), repetida em (36)), constatamos que a primeira eventualidade denota a causação – [x] representa o iniciador que causa a mudança de estado do argumento ‘y’, que passa a estar em um estado psicológico específico, como formalizado por Rappaport e Levin (1998, p. 108) para os processos culminados, e que a segunda eventualidade denota o estado psicológico resultante, representado, nas construções perifrásticas, pelo verbo *leve ter* seguido do nome psicológico.

- (36) [x CAUSE [BECOME [y <STATE>]]]

Concluimos, então, que a interpretação de estado está presente em todos os predicados psicológicos, pois, nos verbos ExpSuj, ela é a única eventualidade do predicado, e, nos verbos ExpObj, ela é a eventualidade resultante do evento causador. Além disso, as estruturas alternantes dos verbos ExpObj (cf. (35)), que mapeiam o Experienciador como sujeito, passam a ser compostas por apenas uma eventualidade, que é justamente um estado.

Como mencionamos anteriormente, o predicado psicológico estativo (predicado ExpSuj) está semanticamente relacionado à noção de posse e, por consequência, à noção de lugar. Pelo fato de constarmos que o estado também está presente em todas as configurações dos predicados psicológicos ExpObj, podemos apontar que todos os predicados psicológicos estão associados à semântica locativa, o que se caracteriza como propriedade semântica básica desses predicados, além de reforçar a hipótese de o argumento Experienciador ser uma locação, isto é, um *locus* mental (LANDAU, 2010).

3. ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS: NOMINALIZAÇÕES E VERBOS LEVES

As nominalizações presentes nas construções perifrásticas são as grandes responsáveis por manter a relação com os verbos psicológicos correspondentes. Isso porque uma “nominalização consiste num processo de associação lexical sistemática entre verbos e nomes” (BASÍLIO, 1980, p. 74 *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 56) e, portanto, apresentam uma estrutura argumental, assim como os verbos. Com relação às nominalizações psicológicas, podemos identificar que são formadas, predominantemente, a partir do acréscimo de três sufixos: (i) -ção; (ii) -mento; e (iii) morfema zero:¹²

- (37) a. Afligir → Aflição
 b. Comover → Comoção
 c. Frustrar → frustração

¹² A formação de uma palavra por meio de um sufixo zero é conhecida na norma gramatical como derivação regressiva, pois, nesses casos, a desinência verbal e a vogal temática do verbo são suprimidas, e uma vogal (-a, -e, ou -o) é acrescida ao final da palavra, resultando em uma palavra menor que o verbo que deu origem a essa palavra (OLIVEIRA, 2014, p. 51).

- (38) a. Aborrecer → Aborrecimento
b. Deslumbrar → Deslumbramento
c. Estremecer → Estremecimento

- (39) a. Animar → Ânimo
b. Desinteressar → Desinteresse
c. Respeitar → Respeito

Além dos nomes deverbiais, em alguns casos, o nome psicológico é que dá origem ao verbo, o qual recebe o nome de verbo denominal e se forma a partir da junção de uma vogal temática verbal e uma marca de flexão verbal a um nome, podendo, também, ser acrescido de um prefixo (BASSANI, 2009). Por exemplo, os verbos ‘acalmar’, ‘atemorizar’ e ‘enciumar’ são derivados dos nomes psicológicos ‘calma’, ‘temor’ e ‘ciúme’, respectivamente.

As definições dos verbetes das nominalizações nos dicionários – “ato ou efeito de X”, em que X representa um verbo psicológico –, reforçam a ideia de que há uma relação estreita entre a nominalização e o verbo correspondente. Embora nem todos os nomes aceitem esse tipo de definição, acreditamos que os nomes psicológicos, como, por exemplo, ‘aflição’, que tem como definição “grande sofrimento; afligimento, agonia, angústia, desassossego, indisposição, inquietação”, também carregam as propriedades relacionadas aos verbos dos quais foram derivados.¹³ Outra observação que podemos fazer a respeito dos nomes psicológicos é a de que alguns verbos possuem duas ou mais nominalizações, como, por exemplo, o verbo ‘encantar’, que possui os nomes deverbiais ‘encantamento’ e ‘encanto’ – um formado por derivação sufixal e outro, pelo morfema *zero* –, e ambos os nomes participam de construções perifrásticas (cf. (40)). Por outro lado, em alguns casos, mesmo quando o verbo apresenta duas nominalizações, apenas uma delas participa de perífrases (cf. (41)). Vale ressaltar, também, que muitos nomes psicológicos não participam de construções perifrásticas ou, pelo menos, não foram encontrados nessas construções em nossa amostra de dados.

- (40) a. A presença dos indígenas diante do estádio causou **encantamento** na maior parte dos turistas.
b. Relatos causaram **encanto** a muitos ouvintes do debate.
- (41) a. Os policiais deram **tranquilidade** e segurança a todos os presentes.
b. *Os policiais deram **tranquilização** a todos os presentes.

As nominalizações, assim como os verbos, também possuem leituras aspectuais. Nas construções perifrásticas dos predicados psicológicos ExpSuj, as nominalizações são estativas, igualmente aos verbos plenos correspondentes, pois descrevem um estado que não se altera por um determinado período de tempo, e o verbo leve *ter* marca o fato de que o Experienciador possui um estado (cf. ‘admiração’ e ‘amor’, em (42)).

- (42) a. Tenho uma admiração especial pelo Brasil.
b. As duas pessoas têm amor por elas próprias.

Quanto à leitura aspectual das perífrases dos predicados ExpObj, consideramos que as nominalizações

13 A definição para o nome ‘aflição’ foi retirada da versão digital do Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=afi%C3%A7%C3%A3o>.

também são estativas, diferenciando-se, assim, dos verbos dos quais elas derivam, uma vez que eles são classificados, aspectualmente, como processos culminados. Essa distinção de análise entre o verbo e a nominalização reflete a representação eventiva bipartite própria desses predicados, na qual o processo descrito na primeira eventualidade é o causador do estado descrito pelo nome psicológico.

- (43) a. Polêmica do feriado no dia dos professores causou aborrecimento entre pais de alunos.
b. O tom da matéria causou incômodo aos usuários da rede.

Nesses predicados ExpObj, a primeira eventualidade ('Polêmica do feriado no dia dos professores' e 'o tom da matéria') representa o processo que desencadeia o estado, isto é, a emoção resultante ('aborrecimento' e 'incômodo'), que, por sua vez, representa a segunda eventualidade desses predicados complexos. Uma evidência de que as nominalizações correspondem à parte estativa da decomposição desses predicados está no fato de que elas podem ser encontradas em perífrases com o verbo *ter*, cuja ocorrência é sistemática com predicados ExpSuj (estativos):

- (44) a. Os pais de alunos tiveram aborrecimento com a polêmica do feriado no dia dos professores.
b. Os usuários da rede tiveram incômodo com o tom da matéria.

Consideramos, portanto, que os nomes psicológicos nas construções perifrásticas são sempre estativos. Baseamos essa análise no trabalho de Fábregas, Marín e McNally (2012) sobre as propriedades aspectuais das nominalizações psicológicas no espanhol, no qual os autores argumentam que todos esses nomes são estativos, pois se referem a estados psicológicos. Para comprovar essa análise, eles apresentam diversos testes que distinguem nomes estativos de nomes de eventos dinâmicos, mostrando que as nominalizações derivadas dos verbos psicológicos comportam-se como estativos. Um dos diagnósticos, por exemplo, refere-se ao fato de que nomes psicológicos podem aparecer, naturalmente, em construções como 'um estado de N', em que N é um estado (cf. (45a)), enquanto os nomes eventivos não ocorrem nesse tipo de construção, como em (45b):

- (45) a. *Un estado de {desesperación / obsesión / preocupación / sorpresa}*
'Um estado de {desespero / obsessão / preocupação / surpresa}'
b. **Un estado de {rodaje / discusión}*
'*Um estado de {filmagem / discussão}'

(FÁBREGAS; MARÍN; McNALLY, 2012, p. 172)

Outro teste utilizado por Fábregas, Marín e McNally (2012) é o de o nome poder ou não ser complemento da expressão 'dar muestras de': os nomes psicológicos são, mas os nomes que descrevem eventualidades dinâmicas não são compatíveis com essa expressão:

- (46) a. *Dio muestras de {desesperación / preocupación / sorpresa}*
'Deu muestras de {desespero / preocupação / surpresa}'
b. **Dio muestras de {rodaje / discusión}*
'*Deu muestras de {filmagem / discussão}'

(FÁBREGAS; MARÍN; McNALLY, 2012, p. 172)

Os autores mostram, ainda, que, diferentemente de nomes que denotam eventos, os nomes psicológicos não são compatíveis com predicados que selecionam eventos ou que produzem uma interpretação eventiva, por exemplo, os nomes psicológicos são inaceitáveis como sujeito de verbos que denotam propriedades de eventualidades dinâmicas, como ‘acabar’, ‘terminar’ e ‘parar’:

- (47) a. *Su {rodaje / operación} (ya) ha {terminado / acabado / parado}.*
‘Sua {filmagem / operação} (já) tinha {terminado / acabado / parado}.’
b. **Su {arrepentimiento / sobresalto} (ya) ha {terminado / acabado / parado}.*
‘*Seu {arrepentimento / susto} (já) tinha {terminado / acabado / parado}.’

(FÁBREGAS; MARÍN; McNALLY, 2012, p. 170)

Do mesmo modo, contrariamente aos nomes eventivos, os nomes psicológicos não podem ser complemento de ‘durante’, visto que o estado psicológico não representa um processo.

- (48) a. *Durante {el rodaje / la operación}, no hagan ruido.*
‘Durante a {filmagem / operação}, não façam barulho.’
b. **Durante su {aburrimiento / desesperación}, no hagan ruido.*
‘*Durante seu {aborrecimento / desespero}, não façam barulho.’

(FÁBREGAS; MARÍN; McNALLY, 2012, p. 171)

Julgamos que esses testes, que distinguem nomes eventivos de nomes estativos, também são válidos para o Português Brasileiro, e, portanto, é possível concluir que as nominalizações de predicados psicológicos constituem estados. Enquanto os predicados ExpSuj possuem apenas uma eventualidade, que já é a própria emoção do Experienciador, o estado psicológico (nominalização) nos predicados ExpObj é o resultado de uma eventualidade anterior, de natureza causativa.

Com relação à ocorrência dos verbos leves, a partir dos dados apresentados na seção 2, estabelecemos uma generalização descritiva segundo a qual o verbo *ter* ocorre nas construções em que o Experienciador é mapeado como sujeito (cf. (49a)), enquanto os verbos *causar*, predominantemente, e *dar*, nos predicados ExpObj (cf. (49b) e (49c), respectivamente) – o que é consistente com o desdobramento de *dar* em ‘causar ter’, com o possuidor como argumento interno:

- (49) a. Ela **tem** uma veneração pelo presidente muito grande.
b. Os excessos de chuvas na região de Bagé **causaram** preocupação para os produtores.
c. Estes anos de governação **deram**-lhe serenidade.

Ressaltamos, entretanto, que outros verbos leves, de forma menos produtiva, também aparecem nessas construções. Os predicados causativos (ExpObj), por exemplo, apresentam perífrases com os verbos *gerar*, *provocar*, *colocar*, *levar* e *trazer*, como ilustrado a seguir:

- (50) a. Adiamento das negociações nucleares **gera** decepção entre iranianos.
b. Era espacial **gerou** fascínio e medo.
c. Foto **provocou** comoção mundial.
d. O Itáú **colocou** medo nos mais fracos.

- e. Um vazamento de amônia **levou** preocupação à comunidade searaense.
- f. Geada **troux**e preocupação para os produtores de hortaliças.
- g. Uma falha de interpretação quanto ao horário de entrada na última prova **troux**e aborrecimento a um atleta.

A questão suscitada pelos verbos leves refere-se à real natureza desses verbos, isto é, se eles são elementos meramente funcionais ou se contribuem semanticamente para a construção do predicado, ou seja, se também são elementos predicadores. Por essa razão, cabe-nos estabelecer o estatuto do verbo leve nas perífrases dos predicados psicológicos, tomando por base trabalhos que abordam essa questão em diferentes construções perifrásticas.

O termo verbo leve, originalmente, designa um tipo de verbo tematicamente vazio, cuja função é a de fornecer informações gramaticais ao nome que possui informações semânticas, e com o qual ele forma um predicado complexo. Alguns trabalhos, como os de Scher (2004) e de Gonçalves *et al.* (2010), vêm mudando a perspectiva de análise desses verbos, mostrando que eles não são, exclusivamente, elementos possuidores de informações gramaticais.¹⁴

Gonçalves *et al.* (2010), cujo trabalho tem por objetivo descrever e analisar propriedades de construções perifrásticas, formadas por verbos leves e nomes deverbais no português europeu, argumentam que os verbos leves são predicados, visto que eles não são elementos meramente funcionais, isto é, não fornecem apenas informações gramaticais nem se comportam como verbos auxiliares. Essa análise está pautada em diferentes argumentos, entre os quais se destaca o fato de os verbos leves poderem preservar a estrutura argumental do verbo pleno correspondente:

- (51) a. O João deu *uma gravata* **ao pai**.
b. O João deu *um abraço* **ao pai**.
- (52) a. O Pedro já teve *dois peixes vermelhos*.
b. O Pedro já teve *uma conversa interessante* com o professor.

(GONÇALVES *et al.*, 2010, p. 452, grifo dos autores)

Os dados em (51) mostram que o verbo leve *dar* (cf. (51b)) preserva a estrutura argumental do verbo pleno (cf. (51a)), que possui três argumentos, e o verbo leve *ter* da sentença em (52b) é um predicado de dois lugares, assim como o seu verbo pleno correspondente em (52a).

Nas construções perifrásticas dos predicados psicológicos no Português Brasileiro, o verbo leve *dar*, presente em construções ExpObj, é um verbo de três lugares, assim como no português europeu,

¹⁴ O trabalho de Scher (2004) analisa as construções com o verbo leve *dar* e nominalizações em *-ada* no Português Brasileiro e constata, em consonância com outros autores, como Diesing (1998, 2000 *apud* SCHER, 2004), que o verbo leve não contribui apenas com informações gramaticais, visto que as propriedades semânticas desses verbos são relevantes para a interpretação de todo o predicado. Dessa forma, a interpretação dessas construções com verbo leve é constituída composicionalmente, pois, além da nominalização em *-ada*, o verbo leve *dar* compõe o significado da estrutura. Por exemplo, o efeito diminutivizador que estruturas com verbo leve *dar* e nominalização *-ada* geram, como em 'João deu uma caminhada / estudada / passeada', não é licenciado se for utilizado um verbo leve diferente de *dar* (cf. (i)) ou se o verbo leve *dar* estiver relacionado com uma nominalização de outra natureza (cf. (ii)), o que ressalta a importância dos dois elementos na composição semântica da estrutura.

(i) *João fez uma caminhada / um estudo / passeio.
(ii) Deu uma explicada / *Deu uma explicação

(SCHER, 2004, p.104)

preservando, portanto, a grade argumental do verbo pleno correspondente:

- (53) a. Sua saúde física também **lhe** deu *preocupação*. (Classe 2)
b. Gol deu *tranquilidade* **ao Inter**. (Classe 3)
c. Bronca do técnico após goleada para o Botafogo deu *novo ânimo* **para o elenco**. (Classe 4)

O verbo leve *ter*, utilizado nas perífrases referentes aos verbos ExpSuj, também apresenta uma estrutura argumental semelhante ao verbo pleno, com dois argumentos:

- (54) a. **Algumas pessoas** têm *amor por você*.
b. **Você** tem *inveja de mim*.

Outro fator responsável pela análise dos verbos leves como um predicado, segundo os autores, é o fato de esses verbos também serem responsáveis pela seleção semântica do argumento externo. Essa propriedade diferencia os verbos leves (cf. (56)) dos verbos auxiliares (cf. (55)), pois estes não contribuem com a seleção semântica argumental:

- (55) a. João tinha empurrado o carro que estava estacionado.
b. A chuva tinha empurrado o carro que estava estacionado.
- (56) a. O João deu um empurrão ao carro que estava estacionado.
b. *A chuva deu um empurrão ao carro que estava estacionado.

(GONÇALVES *et al.*, 2010, p. 453)

Nos dados em (55), o verbo pleno ‘empurrar’ é o responsável pela seleção do argumento externo, que pode ser especificado tanto com o traço [+animado] (cf. (55a)) quanto com [-animado] (cf. (55b)). Nessas construções, *ter* é um verbo auxiliar e, portanto, é exclusivamente responsável por carregar informações gramaticais, como tempo e número. Já na construção perifrástica, o argumento externo só pode ser especificado para o traço [+animado] (cf. (56a)), o que mostra que, mesmo tendo o nome ‘empurrão’, que deriva do verbo pleno, a seleção do argumento externo, de acordo com os autores, segue as propriedades de seleção semântica do verbo leve *dar*.

Com relação às perífrases psicológicas, notamos que, contrariamente ao atestado por Gonçalves *et al.* (2010), o argumento externo da construção perifrástica com verbo leve *dar* também pode ser especificado com traço [-animado], como nos exemplos a seguir:

- (57) a. Essa foto me deu muita aflição. (Classe 2)
b. A vantagem no marcador dava calma à equipe. (Classe 3)
c. Vendas antecipadas do café deram tranquilidade ao produtor no ES. (Classe 4)

As perífrases com verbo leve *dar* dos predicados psicológicos no Português Brasileiro, portanto, comportam-se de maneira distinta do português europeu, pois permitem um sujeito [-animado]. Essa propriedade também é responsável por marcar uma diferença entre as construções perifrásticas e as construções com o verbo pleno homônimo no Português Brasileiro, pois estas últimas só permitem um argumento [+animado] e agentivo na posição de sujeito, o que mostra que o verbo leve, juntamente com a nominalização, também interfere na seleção dos argumentos do predicado, no caso, a do argumento externo.

Gonçalves *et al.* (2010) apontam, também, que os verbos leves preservam parte do significado e da estrutura dos verbos plenos correspondentes. O verbo *dar*, por exemplo, possui um argumento *y*, que está na posse de um argumento *x* e é transferido para um argumento *z*, por meio de uma ação intencional de *x*. Nesse cenário, portanto, o verbo *dar* apresenta, como parte da sua estrutura semântica: um controlador, que também é uma *causa*; uma mudança de lugar; e uma transferência de *y* para *z* (cf. DOWTY, 1979; BUTT e GEUDER, 2001 *apud* GONÇALVES *et al.*, 2010), a qual, na visão dos autores, é preservada pelo verbo leve, como ilustrado em (58):

- (58) a. (O João)_x deu (uma gravata)_y (ao pai)_z.
 b. (O João)_x deu (um abraço)_y (ao pai)_z.
 c. (O João)_x deu (muitas preocupações)_y (ao pai)_z.

(GONÇALVES *et al.*, 2010, p. 453)

Estendendo essa estrutura semântica prototípica do verbo *dar* à sentença (59c) – que representa o tipo de construção perifrástica em análise neste trabalho –, atestamos que o argumento ‘muitas preocupações’ é possuído por ‘João’, o qual, por ser o controlador, transfere-o, intencionalmente, para o argumento ‘o pai’, resultando, assim, em uma mudança de lugar do elemento transferido. Acreditamos, entretanto, que essa análise para as construções perifrásticas dos predicados psicológicos no Português Brasileiro com verbo leve *dar* não é plenamente válida. Em primeiro lugar, como mencionamos anteriormente, em razão de o argumento externo dessas construções em português também admitir a especificação de traço [-animado] (cf. (57)), a presença de um controlador nesse tipo de estrutura passa a ser opcional, visto que o argumento externo só terá essa propriedade se ele for [+animado] e se ele agir intencionalmente, considerando que esse argumento nos predicados psicológicos também pode ser [+animado] e ser não intencional. Ainda com relação às propriedades do argumento externo dos predicados psicológicos, constatamos que ele, mesmo quando não se caracteriza por ser um controlador, sempre é uma *causa*, pois a primeira eventualidade desse tipo de predicado, representada pelo argumento externo, desencadeia o estado psicológico resultante de um argumento *z*. Além disso, consideramos que as construções perifrásticas com o verbo leve ‘dar’ em predicados psicológicos (cf. (58c)) não se caracterizam como um processo de transferência – tal como o verbo pleno homônimo –, pois não há nem a transferência de um objeto material (cf. ‘uma gravata’, em (58a)) nem a transferência do resultado de uma ação (cf. ‘abraço’, em (58b)).

Com base nessas considerações, podemos dizer que a evidência de que o verbo leve *dar* preserva parte do significado do verbo pleno correspondente é falha para as construções perifrásticas de verbos psicológicos no Português Brasileiro. Os dados no Português Brasileiro, contudo, nos permitem analisar esse verbo leve a partir de uma nova perspectiva. Como mostram as construções perifrásticas dos predicados psicológicos, o verbo leve *dar* pode ocorrer, de forma geral, no mesmo tipo de estrutura em que o verbo leve *causar* aparece, como ilustrado pela sentença em (59a), que apresenta a mesma estrutura argumental e semântica da construção com o verbo leve *dar*, em (59b).

- (59) a. (O título do livro)_x (me)_z causou (preocupação)_y.
 b. (Propostas)_x (me)_z deram (muita preocupação)_y.

Pelo fato de esses predicados ExpObj serem causativos, *causar* é, por excelência, o verbo formador dessas construções, e o verbo leve *dar*, nessas estruturas, assume grande parte das propriedades do verbo causativo (veja-se a interpretação de *dar* como ‘causar ter’, já mencionada anteriormente), o que justifica o fato de esse verbo não apresentar propriedades semânticas do verbo pleno *dar*, como, por exemplo, a de não haver transferência de um argumento, além de explicar a possibilidade de esse verbo leve também selecionar argumentos externos com traço [-animado] (cf. (57)), uma vez que o verbo *causar*, pleno e leve, admite um argumento externo com esse traço. Nas construções perifrásticas do Português Europeu, Gonçalves *et al.* (2010) não apontam o verbo *causar* como um verbo leve formador das perífrases, mas analisam o verbo leve *fazer* (cf. (60)), o qual é um predicado causativo que implica mudança de estado do argumento benefactivo preposicionado, exclusivamente, sob a forma dativa (preposição ‘a’), cujas propriedades também podemos encontrar no verbo leve *causar* (cf. (61a)):

(60) O Pedro fez muita aflição / impressão às crianças.

(GONÇALVES *et al.*, 2010, p. 453)

(61) a. A conduta da empresa causou aflição ao reclamante.
b. Essa foto me deu muita aflição.

A sentença em (60), que é uma construção perifrástica com predicado psicológico, é marginal no Português Brasileiro, embora o emprego do verbo leve *fazer* possa ser evidenciado mais naturalmente em perífrases como *fazer medo*, *fazer raiva*. Percebemos, entretanto, que esse tipo de construção se manifesta preferencialmente com os verbos leves *causar* ou *dar* (cf. (58a) e (58b), respectivamente), o que mostra que, no Português Brasileiro, esses verbos leves são predicados causativos, que possuem um argumento, que sofre uma mudança de estado, no caso, o Experienciador (‘reclamante’ e ‘me’). Essa situação reforça o fato de que o verbo leve *dar*, nesse tipo de construção, assume propriedades de um predicado causativo e deixa de exibir algumas propriedades do verbo pleno correspondente. Ressaltamos que, diferentemente das construções no Português Europeu com verbo leve *fazer*, no Português Brasileiro, o argumento preposicionado de predicados causativos não aparece apenas na forma dativa, podendo ser introduzido por outras preposições, como ilustrado abaixo:

(62) A elevação da barragem causou aflição **na** população.

Quanto às propriedades semânticas do verbo pleno *ter* (cf. (63a)), que também são manifestas pelo verbo leve, Gonçalves *et al.* (2010) o caracterizam como um verbo com dois argumentos, correspondendo às entidades que entram em uma relação de posse/localização. A única diferença entre o verbo pleno e o leve, segundo os autores, é que, na construção perifrástica, a preposição que introduz o sintagma preposicionado é determinada pela grade argumental do nome, isto é, em (63b), por exemplo, a preposição ‘com’ é selecionada pelo nome ‘conversa’, e não pelo verbo leve *ter*.

(63) a. O Pedro tem uma casa no campo.
b. O Pedro teve uma conversa importante *com* os pais.

(GONÇALVES *et al.*, 2010, p. 453)

Essas propriedades arroladas pelos autores para o verbo *ter* também são compartilhadas pelas perífrases dos predicados psicológicos, uma vez que os dados em (64), por exemplo, mostram que as diferentes preposições utilizadas para introduzir o sintagma preposicionado – ‘por’ e ‘de’, em (64a) e (64b), respectivamente – são distintas da preposição usada na construção com verbo pleno (cf. (63a)), de forma que as nominalizações (‘respeito’ e ‘receio’) são as responsáveis por selecionar a preposição.

- (64) a. As pessoas não tem muito respeito *pelo* próximo.
b. Professores têm receio *de* demissões.

A seleção da preposição que introduz o argumento Experienciador nos predicados com verbo leve *causar* não é realizada exclusivamente pela nominalização ou pelo verbo leve, visto que, como podemos estabelecer pelos dados em (65) abaixo, a preposição na primeira construção é selecionada pelo nome ‘revolta’ (cf. a revolta **de** moradores com o comentário), enquanto em (65b) a preposição ‘em’ pertence à estrutura verbal (cf. X causa Y **em** Z). No caso de ter sido selecionada pelo nome, esperaríamos que a preposição fosse a mesma utilizada em (65a) (cf. a revolta **dos** pais com a creche). Essa não homogeneidade quanto à seleção das preposições mostra que o verbo leve e o nome compartilham propriedades predicadoras e que ambos participam da seleção e da projeção dos argumentos preposicionados do predicado.

- (65) a. O comentário de uma juíza nas redes sociais causou revolta **de** moradores e vereadores de Peruíbe.
b. Creche de São Paulo causa revolta **nos** pais.

Em suma, Gonçalves *et al.* (2010), assim como Scher (2004), argumentam que, devido ao fato de tanto os verbos leves quanto as nominalizações serem influentes na determinação das propriedades das construções perifrásticas, ambos formam um predicado complexo. Com base nas observações feitas em relação às perífrases dos predicados psicológicos no Português Brasileiro, verificamos que: (i) os verbos leves preservam a estrutura argumental dos verbos plenos correspondentes; (ii) os verbos leves interferem na seleção do argumento externo, como no caso do verbo *dar*; e (iii) os verbos leves também são responsáveis pela seleção da preposição. Com isso, concordando com Scher (2004) e Gonçalves *et al.* (2010), acreditamos que os verbos leves, juntamente com as nominalizações, constituem, portanto, predicados complexos nas construções perifrásticas dos predicados psicológicos no Português Brasileiro.

4. A HIPÓTESE DO EXPERIENCIADOR LOCATIVO E A ESTRUTURA SINTÁTICAS DAS PERÍFRASES PSICOLÓGICAS

Landau (2010) propõe que todo Experienciador é cognitivamente um *locus* mental, mas apenas nos predicados em que esse argumento ocupa a posição de objeto, ele é gramaticalmente um locativo, isto é, um argumento oblíquo.¹⁵ O autor argumenta, ainda, que as construções perifrásticas dos predicados psicológicos representam uma evidência favorável a esse pressuposto, pois o Experienciador,

15 Neste artigo não desenvolvemos a hipótese de que os Experienciadores são locativos pelo viés da linguística cognitiva, mas apontamos que é possível estabelecer relações com trabalhos que, mesmo em linhas teóricas distintas, desenvolvem, em comum, propostas conceituais para os eventos linguísticos, a partir das relações semânticas espaciais de lugar, e, portanto, corroboram a proposta de que o Experienciador é um *locus* mental (Jackendoff, 1983; Lakoff e Johnson, 1999; Huelva Unternbäumen, 2015). Para uma aproximação a esses trabalhos, V. Baron (2016).

nesse tipo de construção, é sempre oblíquo. Além de Landau (2010), o trabalho de Arad (1998) também propõe, mesmo que de forma distinta, uma análise locativa para os predicados psicológicos, e também estende sua pesquisa às construções perifrásticas, o que reforça nossa proposta de que as perífrases compartilham as mesmas propriedades semânticas dos verbos psicológicos plenos. A autora propõe que todos os predicados ExpSuj são essencialmente locativos e que os predicados ExpObj possuem três possíveis tipos de construções, sendo a construção locativa uma delas, na qual o argumento Experienciador pode tanto ser a ‘coisa’ que está localizada em um estado quanto pode ser um contêiner em que um estado está localizado. Entretanto, com base nos dados das perífrases do Português Brasileiro, podemos constatar que o argumento Experienciador é sempre a locação que contém o estado psicológico, visto que ele é o argumento preposicionado.

Para investigarmos a hipótese gramatical locativa de Landau (2010) nas construções perifrásticas dos predicados psicológicos, focamos nossa análise nas preposições, que possuem o Experienciador como complemento, e nos verbos leves formadores dos predicados. Vimos que, nas perífrases dos predicados psicológicos ExpObj no Português Brasileiro, as principais preposições responsáveis por introduzir o Experienciador são ‘em’, ‘para’ e ‘a’, as quais, tipicamente, possuem como complemento sintagmas locativos (cf. ‘casa’ e ‘universidade’, em (66)), tais como os que ocorrem com os verbos de localização (cf. (66a)) e de movimento (cf. (66b)):

- (66) a. João está em casa.
b. João foi para / à universidade.

Outra preposição, menos recorrente, mas registrada no nosso *corpus* de perífrases de verbos psicológicos do português é ‘entre’ (cf. (67)), que também possui um sentido locativo bastante característico, o que reforça a análise do Experienciador objeto como *locus* mental, além de codificá-lo gramaticalmente como um argumento oblíquo.

- (67) a. Esta notícia causou preocupação geral **entre** os presentes.
b. A notícia causou decepção e indignação **entre** os produtores italianos.
c. Medidas de racionamento causaram revolta **entre** pais e moradores.

Além das preposições, os verbos que compõem as construções perifrásticas também são fundamentais para determinar as propriedades semânticas da estrutura. As perífrases dos predicados ExpSuj, como foi descrito na subseção 2.1, são constituídas pelo verbo leve *ter*, que, assim como o seu verbo pleno correspondente, está relacionado à semântica de posse, por sua vez estritamente ligada à noção de lugar (cf. ARAD, 1998; GONÇALVES *et al.*, 2010), o que reforça a hipótese de que todos os Experienciadores são locativos. Salientamos que essa relação de posse também está presente nos predicados ExpObj, pois, como vimos anteriormente, esses predicados são bieventivos, em que a segunda eventualidade é estativa. Além disso, essa propriedade semântica da eventualidade estativa relacionada à posse, e, conseqüentemente, à noção de lugar, parece ser a caracterização semântica básica dos verbos ExpObj (e de todos os psicológicos), pois, na estrutura alternante intransitiva, o predicado passa a ter apenas uma eventualidade (‘João se preocupou muito’), que é justamente o estado, o qual, quando expresso perifrásticamente, é construído pelo verbo leve *ter* (‘João teve muita preocupação’), o que enfatiza a natureza locativa do Experienciador.

Assim como a presença do verbo leve *ter* dos predicados ExpSuj reforça a ideia locativa para os Experienciadores, o uso do verbo *colocar* nas construções perifrásticas dos predicados ExpObj (cf. (68)), mesmo que periféricamente, também é outra evidência que favorece essa análise, visto que o verbo pleno correspondente é, essencialmente, um verbo locativo.

- (68) a. O Itaú **colocou** medo nos mais fracos.
b. Ela nunca me **colocou** medo.

Com base na descrição das construções perifrásticas dos predicados psicológicos no Português Brasileiro que apresentamos neste trabalho, concluímos que, em todas as ocorrências desses predicados, temos uma eventualidade estativa: os predicados ExpSuj são constituídos por apenas uma eventualidade, que é justamente um estado; os predicados ExpObj transitivos caracterizam-se por serem bieventivos, em que a segunda eventualidade é o estado resultante do processo causativo descrito na primeira eventualidade; e a estrutura alternante intransitiva dos predicados ExObj deixa de apresentar a eventualidade causativa e passa a exibir apenas o estado. A partir desse cenário, em que o estado está sempre presente nos predicados psicológicos, e seguindo a proposta principal do trabalho de Viñas-de-Puig (2014), apresentada a seguir, consideramos que a estrutura estativa é a estrutura básica desses predicados no Português Brasileiro.

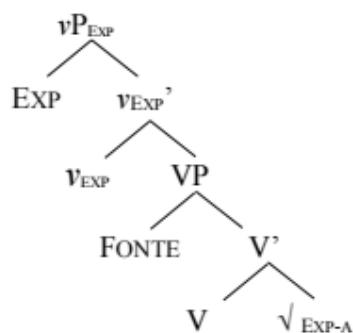
Em uma análise do comportamento dos predicados de Experienciador com verbo leve (PEVL) no castelhano e no catalão, Viñas-de-Puig (2014) propõe que todos os PEVL, assim como os predicados com verbo pleno, possuem uma estrutura básica, de interpretação estativa, como nas sentenças em (66):

- (69) a. *Me dan asco las ratas.* (Castelhano)
'Os ratos me dão asco'.
b. *Em fan por els comentaris racistes.* (Catalão)
'Os comentários racistas me assustam'.

(VIÑAS-DE-PUIG, 2014, p. 167 e 171, grifo nosso)

As sentenças acima ilustram o padrão das construções estativas com verbo leve nessas línguas, que, segundo o autor, possuem o argumento Experienciador com Caso dativo (*me* e *em fan*) realizado na posição de sujeito. A partir dessa configuração dos argumentos e baseando-se no trabalho de Marín e Sánchez Marco (2012 *apud* VIÑAS-DE-PUIG, 2014), que propõe que o significado do verbo inclui o significado do nome, no caso, o significado estativo, Viñas-de-Puig (2014) estabelece a seguinte estrutura básica para os predicados psicológicos:

- (70) Estrutura experienciadora básica



(VIÑAS-DE-PUIG, 2014, p. 170)

Na estrutura experienciadora básica, a Experiência ($\sqrt{\text{EXP-A}}$) é uma raiz que pode, ou não, se unir ao núcleo V, o argumento Fonte (ou Tema) ocupa a posição de especificador de VP, e o Experienciador é introduzido pela projeção vP_{EXP} . O autor propõe que a raiz Experiência pode aparecer incorporada ao núcleo V, resultando no verbo lexical pleno (cf. (71)), ou pode aparecer de forma independente. Nesse último caso, a raiz $\sqrt{\text{EXP-A}}$ comporta-se como um argumento independente (o nome psicológico) e tem-se a presença de um verbo leve na posição de núcleo V. No espanhol, o verbo leve utilizado nas construções perifrásticas é o ‘*dar*’ (cf. (72)).

(71) *Em molestén aquests comentaris.* (Catalão)
 ‘Estes comentários me incomodam’

(72) *Me da miedo la oscuridad.* (Castelhano)
 ‘A escuridão me dá medo’.

(VIÑAS-DE-PUIG, 2014, p. 172-173)

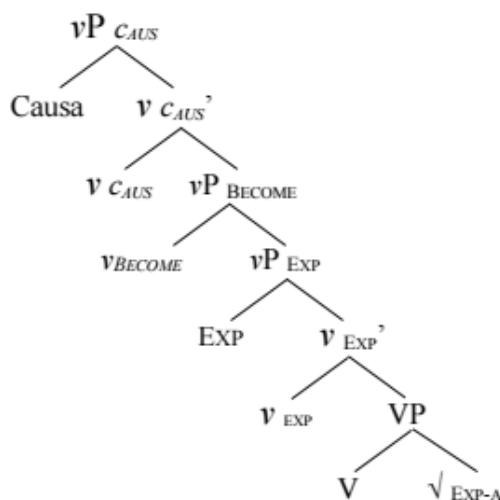
O autor aponta que predicados psicológicos podem apresentar uma variação entre leitura estativa e leitura eventiva, como em (73a) e (73b), respectivamente:

(73) a. *Me asustan los comentarios racistas.*
 ‘Os comentários racistas me assustam.’
 b. *Esos niños me asustaron ayer.*
 ‘Essas crianças me assustaram ontem.’

(VIÑAS-DE-PUIG, 2014, p. 175)

A sentença eventiva (73b), diferentemente da estativa em (73a), indica uma mudança de estado do Experienciador, que tem origem em uma causa (*Esos niños*). Tais propriedades caracterizam uma leitura eventiva causativa, com mudança de estado. Viñas-de-Puig (2014) argumenta que, quando as construções possuem interpretação eventiva, elas são o resultado da adição de projeções funcionais à estrutura básica estativa, e essas projeções concordam com os traços eventivos que estão subcategorizados na raiz Experiência. Por exemplo, a estrutura de uma sentença causativa, como (73b), na proposta do autor, é representada pela inclusão das projeções funcionais ‘ vP_{BECOME} ’ e ‘ vP_{CAUS} ’ acima da estrutura experienciadora básica (representada anteriormente em (70)), como ilustrado em

(74):



(VIÑAS-DE-PUIG, 2014, p. 181)

Segundo Viñas-de-Puig (2014), a projeção eventiva ‘ vP_{BECOME} ’ é responsável por introduzir uma estrutura incoativa, a qual podemos associar à estrutura alternante intransitiva dos predicados psicológicos ExpObj, como em ‘João se preocupou’, e só a partir da adição da projeção funcional ‘ vP_{CAUS} ’ ligada à projeção ‘ vP_{BECOME} ’, que o predicado passa a ter um argumento Causa.

Ressaltamos que, diferentemente da proposta de Viñas-de-Puig (2014), que parte da ideia de que os predicados psicológicos ExpObj possibilitam as interpretações estativas e eventivas, nossa pesquisa não analisa as possíveis construções perifrásticas estativas dos predicados ExpObj no Português Brasileiro. Mesmo assim, pelo fato de considerarmos que todas as construções psicológicas têm uma eventualidade estativa, como mencionado anteriormente, adotamos a análise de que os predicadores psicológicos possuem uma estrutura estativa básica e que as estruturas eventivas são o resultado da adição de projeções funcionais, que são responsáveis por introduzir as interpretações causativa e de mudança de estado aos predicados psicológicos ExpObj. Outro aspecto relevante dessa estrutura para o nosso trabalho refere-se à proposta de o nome psicológico – argumento Experiência na nomenclatura do autor – e o verbo pleno possuírem a mesma origem, a raiz $\sqrt{EXP-A}$, pois, com essa configuração, as construções perifrásticas e as construções com verbo pleno possuem a mesma sintaxe, em termos das projeções argumentais, o que corrobora a ideia de que os dois tipos de construção carregam as mesmas propriedades semânticas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das construções perifrásticas no Português Brasileiro nos permitiu constatar que a formação das construções ExpSuj, que são estativas, exibem como padrão o verbo leve *ter*. Os predicados ExpObj, de forma geral, apresentam, como os seus principais formadores, os verbos leves *causar* e *dar*, os quais, por mais que possam aparecer como concorrentes em alguns contextos, possuem propriedades semânticas distintas. O verbo *causar* é utilizado, generalizadamente, em contextos não

agentivos, nos predicados das classes de *preocupar* e de *animar*, as quais, segundo Cançado (1995) possuem propriedades determinadas pela leitura não agentiva. Na classe de *preocupar*, levando em consideração o nosso *corpus*, que não pretendeu ser exaustivo, o verbo *dar* só constitui predicados semanticamente, não agentivos, enquanto, na classe de *animar*, ele foi encontrado em algumas estruturas de interpretação agentiva. Na contramão dessas duas classes, tem-se a classe de *acalmar*, que possui, nas construções perifrásticas encontradas no *corpus*, apenas o verbo leve *dar*, tanto em estruturas agentivas quanto não agentivas. Por mais que essa classe apresente predicados agentivos e não agentivos, assim como a classe de *animar*, concordamos com o argumento de Cançado (1995) de que esses predicados têm as suas propriedades definidas pela agentividade, do que decorre a utilização do verbo leve *dar*, pois ele apresenta mais propriedades agentivas que o verbo *causar*. Embora nossa análise não tenha o alcance necessário para determinar com exatidão as propriedades semânticas de cada classe dos predicados ExpObj, nossos dados apontam algumas características importantes de cada classe, a partir do diagnóstico oferecido pelos verbos leves das estruturas.

Este trabalho, nos permitiu, também, estabelecer que os verbos leves das construções perifrásticas no Português Brasileiro têm propriedades seletivas e formam um predicado complexo com os nomes psicológicos, uma vez que eles colaboram para a formação estrutural e argumental dos predicados de que participam, e não fornecem informações estritamente gramaticais. Além disso, a natureza dos componentes das construções perifrásticas – verbo leve e preposição – evidenciam a hipótese locativa de Landau (2010) para os predicados psicológicos.

REFERÊNCIAS

- Arad, M. (1998). *VP-Structure and the Syntax-lexicon interface*. Tese de Doutorado. London, University College London.
- Baron, P. (2016). Uma Investigação sobre a Natureza Locativa dos Predicados Psicológicos no Português Brasileiro. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB-PPGL.
- Bassani, I. (2009). *Formação e Interpretação dos Verbos Denominais no Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP.
- Cançado, M. (1995). *Verbos Psicológicos: A Relevância dos Papéis Temáticos Vistos sob a Ótica de uma Semântica Representacional*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp-IEL.
- Cançado, M. (2012). Verbos psicológicos: uma classe relevante gramaticalmente? In: *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, vol. 16, nº 2, pp. 1-18.
- Fábregas, A.; Marín, R.; McNally, L. (2012). From psych verbs to nouns. In: Demonte, V.; McNally, L. (Org.). *Telicity, change, and state: A cross-categorial view of Event structure*. Oxford: Oxford University Press, p. 162-185.

Gonçalves *et al.* (2010). Propriedades predicativas dos verbos leves: estrutura argumental e eventiva. In: Brito *et al.* (Org.). *Textos selecionados do XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, p. 449-464.

Huelva Unternbäumen, E. (2015). From primary metaphors to the complex semantic pole of grammatical constructions. In: *Language and Cognition*, 7, p. 68-97.

Jackendoff, R. (1983). *Semantics and Cognition*. Cambridge: MIT Press.

Kato, M.; Nascimento, M. do (orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

Lakoff, G; Johnson, M. (1999). *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books.

Landau, I. (2010). *The locative syntax of experiencers* (Linguistic Inquiry Monographs 53). Cambridge, MA: MIT Press.

Levin, B.; Rappaport, M. (2005). *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge, UK.

Naves, R. *Aspectos Sintáticos e Semânticos das Estruturas com Verbos Psicológicos*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 1998.

Naves, R. *Alternâncias Sintáticas: Questões e Perspectivas de Análise*. Tese de Doutorado. Brasília: UnB, 2005.

Oliveira, D. (2014). *Nominalizações no Português Brasileiro: Estrutura argumental, formação e morfossintaxe*. Tese de Doutorado. Brasília: Unb.

Rappaport, M.; Levin, B. (1998). Building Verb Meanings. In: BUTT, M.; GEUDER, W. (Org.). *The Projection of Arguments: Lexical and Compositional Factors*. Stanford, CA: CSLI Publications, p. 97-134.

Scher, A. (2004). *As Construções com o Verbo Leve DAR e as Nominalizações em -ada no Português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP.

Viñas-de-Puig, R. (2014). Predicados psicológicos y estructuras com verbo ligero: del estado al evento. In: *Revista de Linguística Teórica y Aplicada*, 52 (2), p. 165-188.